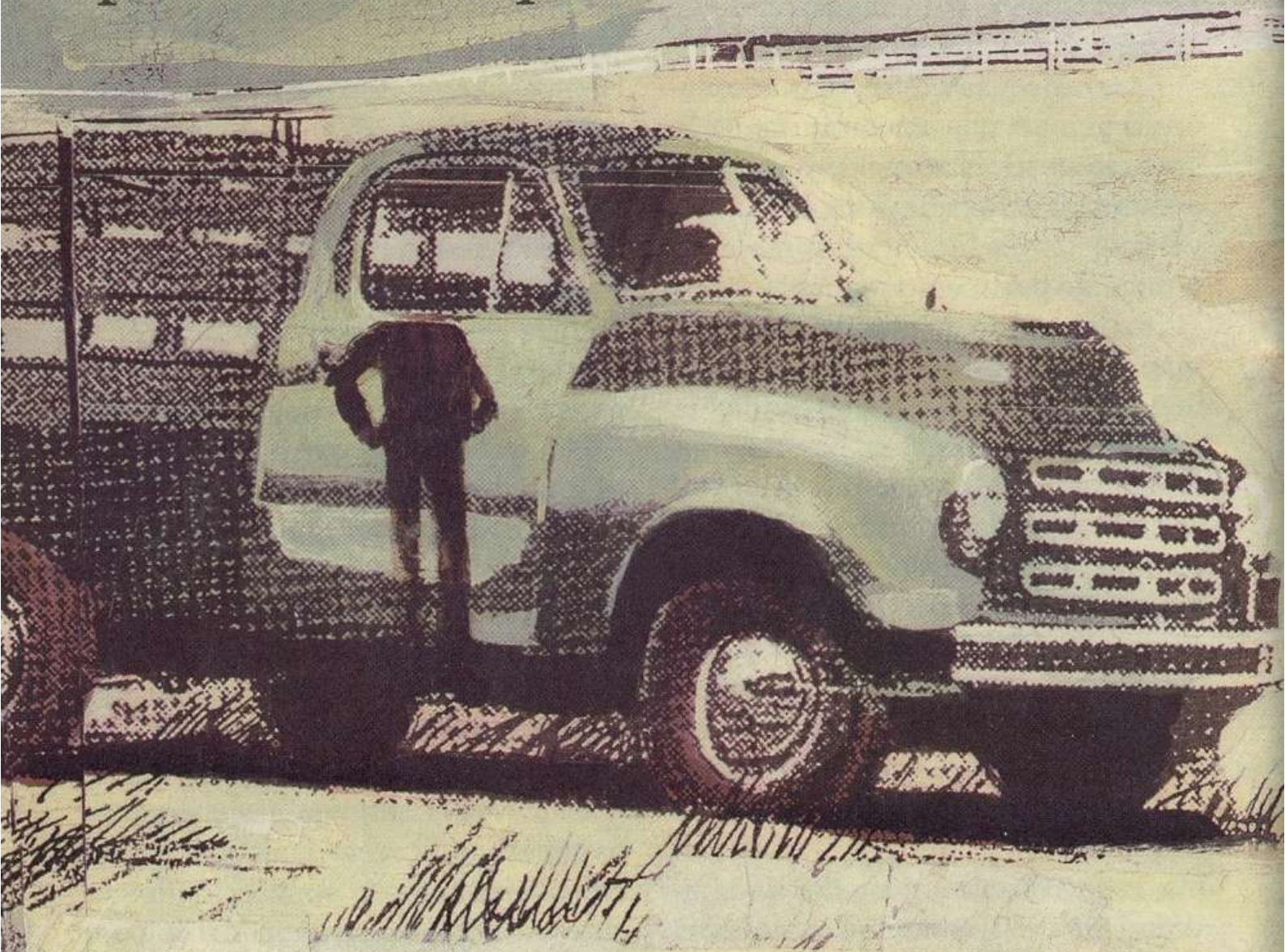
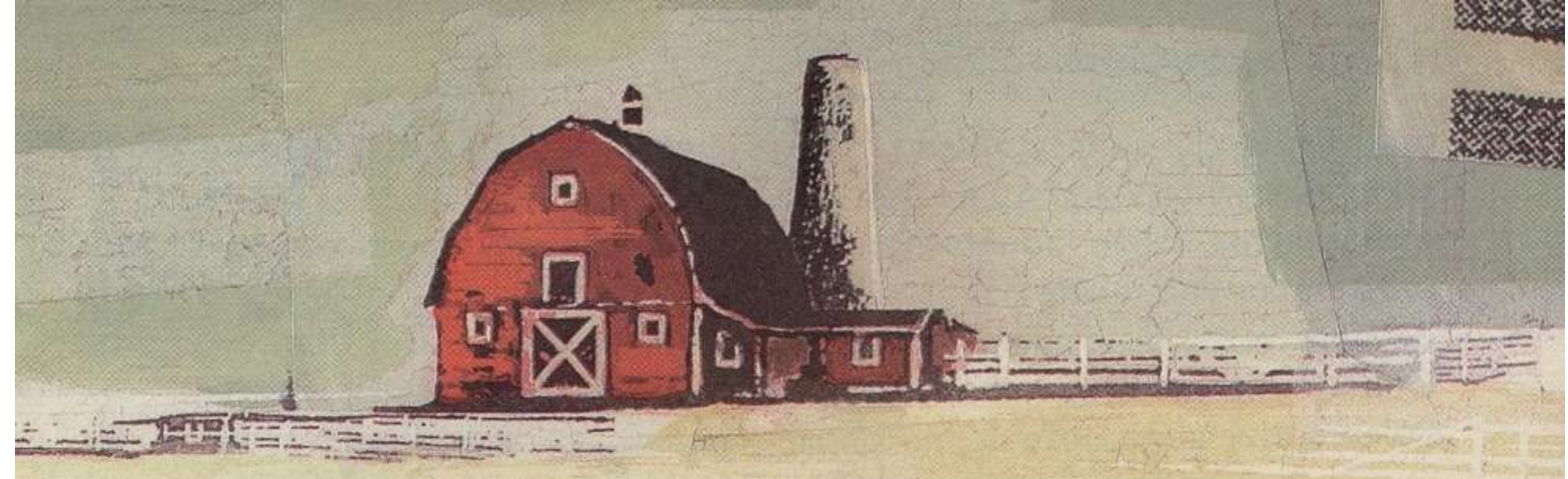


Eis como descobri que a lembrança de quem amamos é muito mais poderosa do que a morte



A FAZENDA da família estava finalmente à venda. Fazia dois anos que papai tinha morrido e, desde o enterro, era a primeira vez que eu voltava lá. Sabia que não poderia morar naquele lugar, mas era difícil a separação. Após a morte de papai, duas invasões e um dispendioso conserto no

encanamento me haviam forçado a admitir que mais de 300 hectares de plantação de tomates de nada me serviam e que eu vivia longe demais para cuidar da propriedade. Depois de sete gerações em poder da família, minhas árvores, meu riacho, meus campos passariam às mãos de estranhos. Com um peso no coração, assinei os documentos e fui ver a fazenda pela última vez.



Meu pai continua perto de mim

POR JAMES C. MAYS

O calor do verão não tinha mudado em nada, pensei, enquanto estacionava em frente ao celeiro. Sentado em silêncio, fiquei escutando os grilos. Papai sempre se baseava no som dos grilos para calcular a temperatura. “Conte o número de cricris emitidos em 15 segundos, multiplique por 4 e vai ter a temperatura em Fahrenheit”, ele me ensinou. contei e calculei: 96° F – mais de 35° C.

No celeiro, as chaves do velho caminhão pendiam do mesmo prego. Peguei-as, dei a partida e o motor do Studebaker de duas toneladas pegou na hora. Fiquei ali, confortado por aquele ronco macio. Papai me passara o amor por veículos antigos e nossa paixão veio a ser minha vocação, pois me tornei especialista em história da indústria automotiva.

Era difícil acreditar que aquele ca-

minhão tivesse sido fabricado havia meio século e rodado quase 500 mil quilômetros. Aliás, aquele não era um simples caminhão; o grande Studebaker verde fazia parte da família. Quando nasci, ele já estava lá. Ao volante, tive a sensação de que papai ia sair de trás do celeiro e sentar-se a meu lado na cabine.

Outro amor que tínhamos em comum era “correr as estradas”, como papai costumava dizer. Quando o calor do verão nos expulsava dos campos, saíamos no Studebaker e pegávamos as estradas de cascalho, com papai desfiando histórias das pessoas que viveram ali. Ele sabia das tristezas e alegrias plantadas em cada pedacinho de chão.

Assim, cheio de lembranças daquelas tardes, manobrei o caminhão e me afastei do celeiro. Passei devagar pelo grande bordo na primeira bifurcação e quase podia ouvir papai dizer: “A primeira escola das redondezas foi construída aqui em 1826.” Eu sabia que, se parasse e atravessasse o milharal, encontraria a inscrição entalhada no tronco da árvore: “J.C.M. ama H.B.H.”

“Estes eram o seu trisavô, James Clifford Mays – você foi batizado em homenagem a ele –, e a sua trisavó, Hattie Beatrice Hall”, contou-me ele. “Eles se casaram quando ambos tinham 16 anos, no dia de Natal. Saíram da igreja numa carruagem branca, novinha, e foram viver numa fazenda bem ali.” Ele apontou na direção dos trilhos da ferrovia. “Tiveram 11 filhos e foram donos do pri-

meiro trator num raio de muitos quilômetros.”

Automaticamente, tomei o caminho do vilarejo. Só que não havia mais nada lá. Parei diante de uma construção em ruínas, fechada com tábuas, que antes fora o armazém do Hobbs.

Nossos passeios à cidade sempre começavam ali, com uma troca de gentilezas com a viúva de Hobbs. A máquina de refrigerantes quebrada ainda montava guarda na fachada. Houve um tempo em que, em troca de uma moeda, ela liberava um refrigerante geladinho. Papai e eu ficávamos perto da máquina e sorvíamos com gosto a bebida de sabor adocicado, devolvendo de imediato a garrafa para economizar os dois centavos do depósito.

FOI QUANDO me veio à lembrança uma daquelas tardes de aventura. Eu estudava jornalismo e tinha ido passar em casa as férias de verão. Papai e eu saímos do armazém e fomos dar uma volta. Palavras não eram necessárias; bastava a satisfação de ouvir o estalar do cascalho sob os pneus. Nuvens se concentravam a oeste e o vento alterou um pouco a direção. “Vem temporal aí”, previu papai. Eu concordei com um sorriso, quando dois grossos pingos de chuva bateram no pára-brisa.

De repente, ele diminuiu a velocidade e pegou um caminho estreito. O caminhão seguiu aos solavancos

Eu fiquei sem fala; até então pensava que **carro fosse só para gente rica.**

por uma trilha quase coberta pela vegetação, até que papai parou em frente a uma casa de fazenda vazia, com o telhado começando a ceder. Respirando fundo, ele disse: “O velho Davidson está num asilo. Os vizinhos o encontraram vagando de pijama pela estrada, no inverno passado. Como o único filho vive em Calgary, prometi dar uma olhada na casa de vez em quando.”

Rumamos para o celeiro fechado a cadeado. Papai afastou uma pedra grande e pegou a chave que estava sob ela. “Vamos ver”, disse, com um jeito travesso. Empurramos a porta pesada, abrindo apenas espaço suficiente para passarmos. No interior mal iluminado, havia vários veículos antigos. Papai sabia o quanto eu ia gostar.

Não demorou muito e desabou um temporal. Com a chuva martelando o telhado de zinco, papai contou histórias de cada um dos veículos, do Ford 1918 de uma tonelada ao Packard 1958 amarelo e branco de capota rígida. O grande McLaughlin-Buick 1930 tinha transportado rum durante a Lei Seca e guardava dois furos de bala como lembrança de encontros com a polícia. “Aquele Nash 1922 ali foi o primeiro carro em que

entrei na vida”, contou ele. “Certa manhã, quando eu tinha 7 anos, estava indo a pé para a cidade quando o Dr. Davidson – o avô de Davidson – me ofereceu uma carona. Eu fiquei sem fala; pensava que carro fosse só para gente rica.” E, tirando o lenço do bolso, limpou cuidadosamente a poeira do radiador cromado.

REFIZ SOZINHO o caminho e me vi diante da casa de Davidson. A chave ainda se encontrava debaixo da pedra e os carros e caminhões empoeirados continuavam no mesmo lugar. Num devaneio silencioso, percorri o celeiro.

Quando por fim saí dali, sabia aonde iria em seguida: ao cemitério, um pouco adiante. Quantas vezes, durante anos, eu e papai fomos lá para cortar a grama. “A igreja pegou fogo em 1954”, ele contava, esfregando a sola das botas nas fundações carbonizadas. “Os membros da paróquia decidiram construir outra no centro da cidade. Por algum tempo, ainda houve quem cuidasse disto aqui, mas agora estão todos velhos e os mais novos foram embora.”

Papai adorava aquele lugar. O muro de tijolos fora erguido por seu avô e era ali que brincava de pique

esconde quando garoto. “Nas noites de verão, pegávamos vaga-lumes e os colocávamos em potes de vidro. Foi embaixo daquela árvore que dei meu primeiro beijo.”

Caminhei pelo mato e encontrei as lápides das sepulturas de meus bisavós maternos. Tinham vindo da Holanda para os Estados Unidos sem falar inglês, trazendo apenas o grande sonho de uma vida melhor no Novo Mundo. “Trabalhe duro!”, meu bisavô costumava dizer. “Imigrantes como nós têm de trabalhar duro!” Foi o que todos fizemos. Estava tão imbuído daquele conselho que somente quando cheguei ao secundário me ocorreu que eu não era imigrante.

Perto de meus bisavós maternos estavam enterrados os quatro avós e meu tio-avô Wesley. “Wesley foi para a Califórnia. Ele escrevia para o

jornal *Los Angeles Times*. Fez sucesso”, papai contava. “Continue escrevendo, meu filho. Você tem o mesmo talento.”

O lugar reservado para papai era perto do túmulo de mamãe, que tinha morrido em 1986. As lápides iguais eram como sentinelas, faltando na dele apenas a data da morte. “Ainda não”, ele sempre resmungava enquanto arrancava o mato. “Ainda não chegou a minha vez. Mas não vai demorar. Sabe, filho, essa boa gente pode estar embaixo da terra, mas enquanto nos lembrarmos de suas histórias, de certo modo eles estarão conosco.”

Tracei então com os dedos a data gravada no granito cor-de-rosa: 3 de julho de 1999. E fiquei algum tempo ali parado, em silêncio, afagado pela brisa, até que o sol desceu no horizonte. Era hora de ir.

LAPSOS TECNOLÓGICOS

Assim que as luzes se apagaram num recente concerto de música clássica num parque, uma voz, pelos alto-falantes, dirigiu-se ao público:

– E agora, pedimos, por gentileza, que coloquem seus celulares e filhos no modo vibratório.

MINA CHANG, EUA

Nossos netos, Kim e Pippa, estavam nos visitando e, como adoram música, nossa filha, Wendy, sugeriu que ouvíssemos o disco com a trilha sonora do filme *Jesus Cristo superstar*. Kim, 6 anos, olhava fascinado, enquanto o antigo LP era colocado no toca-discos. Então, com os olhos arregalados de espanto, ele exclamou:

– Nossa! Um CD preto gigante!

PENNY MORTON, Austrália

